

**COMPREENSÕES DE ADOECIMENTO PSÍQUICO SEGUNDO EDUCADORA
AFASTADA DO TRABALHO EM JUAZEIRO-BA**

***UNDERSTANDING OF MENTAL ILLNESS EDUCATOR SECONDS AWAY FROM
WORK IN JUAZEIRO- BA***

Sílvia Raquel Santos de Moraes
silvia.morais@univasf.edu.br
Doutora em Psicologia.
Professora Adjunta da Univasf

Giselle Dark Batista Leão
giselleao72@hotmail.com
Bacharel em Psicologia pela Univasf.

RESUMO

O adoecimento psíquico é tema de relevância ímpar na contemporaneidade. A literatura o aponta como um dos principais motivos de afastamento laboral. Assim, o objetivo desta pesquisa foi conhecer como uma educadora (do nível fundamental e médio), afastada de suas atividades laborativas, por motivo de adoecimento/sofrimento psíquico, compreende e enfrenta esse processo. Trata-se de um estudo de caso, ancorado na Fenomenologia Existencial heideggeriana e interpretado a partir da Analítica do Sentido. Os resultados foram discutidos por meio de cinco temáticas orientadoras de sentido: trabalho em educação como propulsor de adoecimento psíquico; afetações experienciadas no decorrer do adoecimento psíquico; conflitos institucionais afetam o modo de ser e de estar no mundo; preconceitos sobre o adoecimento psíquico; arteterapia, espiritualidade e literatura como modos de enfrentamento do adoecimento psíquico. Observou-se a ocorrência do adoecimento psíquico, atrelado aos conflitos institucionais, ao modo de estruturação do sistema educacional vigente, à desvalorização social da profissão e ao assédio moral das chefias imediatas. Conclui-se que o adoecimento psíquico suscita sentimentos que têm relação direta com a forma como o professor é visto/tratado pela sociedade dentro e fora da escola. Ademais, trata-se de uma situação complexa e pouco discutida, despertando preconceitos, inclusive na classe de educadores. Sugere-se maior atenção ao tema na região, tendo em vista o número crescente de afastamentos por motivos de adoecimento psíquico e a falta de iniciativas eficazes do poder público para tratar da questão.

Palavras-chave: Adoecimento psíquico. Educador. Trabalho. Saúde mental.

ABSTRACT

The Psychic illness is a subject of unique relevance in contemporary times. The literature points it as one of the main reasons for leaving work. Thus, the objective of this research was to know how educators residing in Juazeiro-BA and away from their work activities,

understand and face this process. The research is being configured as a case study anchored in the Heideggerian Existential Phenomenology and interpreted from the Analytic of Sense. The results understandings were discussed through five themes: work in education as a propeller of psychic illness; affections experienced during the course of psychic illness; institutional conflicts affect the way of being and being in the world; preconceptions about psychic illness; art therapy, spirituality and literature as ways of coping with psychic illness. It was observed the occurrence of psychic illness linked to institutional conflicts, to the structure of the current educational system, to the social devaluation of the profession and to the moral harassment of the immediate bosses. It is concluded that the psychic sickness raises feelings that have direct relation with the way the teacher is seen / treated by the society inside and outside the school. In addition, it is a complex situation and little visible / discussed, arousing prejudices, including in the class of educators. Greater attention is drawn to the issue in the region, given the increasing number of departures and the lack of effective initiatives by the government to address the issue.

Keywords: Psychic illness. Educator. Work. Mental health.

INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (2012) aponta que o trabalho tem papel relevante no processo saúde-doença de indivíduos e coletividades. Com isso, se constitui como um tema relevante, dada a sua complexidade envolvendo (não raro) prazer e sofrimento, satisfação e insatisfação, fadiga e realização, dentre outras contradições.

Contudo, o ambiente de trabalho pode gerar problemas de saúde (Baião e Cunha, 2013) e ocasionar o afastamento das funções laborais, além de ser um indicador importante para compreensão do processo saúde-doença. (FERREIRA BORSOI; SILVA PEREIRA, 2007).

No Brasil, segundo as estatísticas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) de 2001, os distúrbios psíquicos ocupam o terceiro lugar entre as causas de concessão de benefício previdenciário, com afastamento do trabalho em tempo superior a 15 dias e de auxílio doença por invalidez. (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006, p.2679).

Georges Canguilhem (2000) considera o adoecimento psíquico como uma forma singular de estar e de se relacionar no mundo, caracterizado pela dificuldade de tolerar as infidelidades do meio. Trata-se de um fenômeno multifatorial que só pode ser compreendido com base na história de vida do sujeito e de seus determinantes sociais e contextuais de saúde, tais como: moradia, renda, escolaridade, acesso a bens e serviços, raça, etnia, ambiente, redes

solidárias de apoio, senso de pertencimento, engajamento social, político e religioso, dentre outros determinantes que interferem diretamente na qualidade de vida e na conquista da saúde.

Na atualidade, o termo adoecimento mental pode ser considerado como sinônimo de sofrimento psíquico. Nessa experiência, há sintomas variados, sendo comum a vivência de restrição da liberdade, da autonomia e da funcionalidade, além da perda do sentido que é interpretada como uma situação ameaçadora, que não pode ser recuperada apenas por meio de fármacos, mas também de atividades diversificadas de caráter terapêutico, tais como: psicoterapia, convívio social, lazer, esporte, engajamento sociopolítico, religiosidade, práticas complementares em saúde, dentre outras elencadas pela própria rede de apoio.

O adoecimento psíquico é um dos principais motivos de afastamento do trabalho, na atualidade. No contexto educacional, esse fenômeno costuma se tornar visível somente após o seu afastamento de atividades laborais, mediante licença médica (Borsoi e Pereira, 2013). Uma das principais consequências do adoecimento psíquico para as instituições educacionais é o aumento nos índices de absenteísmo, que está atrelado às licenças médicas e à necessidade de substituição e/ou contratação de novos profissionais (MORENO-JIMÉNEZ, 2000; SCHAUFELI, 1999 *apud* ANDRADE; CARDOSO, 2012).

Assim, o objetivo desta pesquisa foi conhecer como uma educadora do norte baiano, afastada de suas funções laborais, por motivo de adoecimento psíquico, compreende e enfrenta a própria experiência de adoecimento. Vale ressaltar que, inicialmente, seria um estudo compreensivo, baseado em narrativas de até seis educadores afastados, há pelo menos três meses e indicados por gestores educacionais, mediante amostra intencional. Entretanto, apenas uma pessoa dessa amostra aceitou participar do estudo, que se configura como um estudo de caso ancorado na Fenomenologia Existencial de Martin Heidegger (1889-1976) e interpretado a partir da Analítica do Sentido de Critelli (2007). Para Heidegger, o fenômeno (nesse caso, o adoecimento psíquico) é percebido a partir de uma postura de abertura, de modo que seja possível questioná-lo, indagá-lo e compreendê-lo de forma processual (CRITELLI, 2007; KLUTH; FROTA, 2010; SÁ, 2010).

O adoecimento dos profissionais de educação

A categoria profissional docente é uma das maiores do país e se encontra imersa em um contexto com condições laborais questionáveis e às vezes até precárias para a execução do

trabalho. Nesse contexto, aparecem como exemplos: exposição ao calor, à umidade e aos ruídos, número excessivo de alunos em uma mesma sala, sobrecarga de tarefas, baixos salários, violência, falta de insumos, assédio moral, desmotivação dos alunos, elevado tempo de preparo de tarefas. Esse cenário, portanto, pode acarretar diversas formas de adoecimento, trazendo inclusive o sofrimento psíquico.

A educação contribui para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Constitui-se como um ambiente laboral que congrega diversos atores com diferentes funções, tais como: alunos, professores, diretores, técnicos administrativos, zeladores, cozinheiros, vigilantes, etc. Para que as funções de cada um sejam desempenhadas de forma adequada, é preciso que as condições mínimas de trabalho (ambientais, técnicas, psicossociais) sejam oferecidas de modo favorável. (CRUZ; LEMOS; WELTER; GUISSO, 2010).

O número de afastamento das funções laborais dos educadores tem ocorrido de modo mais frequente e se estendido por maior período de tempo e, acontece, sobretudo, por conta dos transtornos mentais comuns, além do risco do esgotamento físico ou mental, em face das dificuldades materiais e psicológicas associadas às atividades docentes. Segundo Andrade e Cardoso (2012), a síndrome da fadiga crônica, o estresse e a Síndrome de *Burnout* têm sido os transtornos mais comuns entre educadores, trazendo riscos à saúde como um todo.

As vivências de prazer e as estratégias de enfrentamento dos educadores se encontram ligadas ao reconhecimento do próprio trabalho, ao índice de satisfação com as relações interpessoais, aos aspectos mobilizadores de inteligência prática e do sofrimento criativo, além do senso de autorrealização. O que se pode perceber, então, é que a relação saúde-doença, no contexto de trabalho, especificamente o da educação, pode se dar de diversas formas e os fatores que desencadeiam o adoecimento psíquico podem ser diferentes para cada sujeito. E, além disso, é possível a existência de situações prazerosas, no contexto em questão. (COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011).

O adoecimento sob a ótica da Fenomenologia Existencial

A perspectiva Fenomenológica Existencial em Psicologia parte da compreensão dos fenômenos humanos, a partir do modo como as experiências são narradas e compartilhadas, ou seja, o interesse maior é compreender a experiência humana, em situação de coexistência. Aqui, essa perspectiva adquire os contornos da Ontologia Hermenêutica de Martin Heidegger (1889-1976) e do método fenomenológico de conhecimento, que difere do pensamento

ocidental denominado de metafísico – em que a verdade deve ser uma, estável e absoluta – com um caráter de representação.

A Fenomenologia Existencial compreende a construção do conhecimento como um processo de caráter provisório, mutável e de coconstrução entre pesquisadores e pesquisandos. Com isso, funda-se a possibilidade do conhecimento atrelado à própria condição ontológica do existir humano e ancorada na busca de sentidos. Assim, a provisoriedade e a abertura não são encaradas como problemas a serem suplantados, mas como características do processo de construção do conhecimento. (CRITELLI, 2007).

A Fenomenologia apresenta uma nova maneira de ver a psicologia, já que a desvincula de aspectos puramente científicos, voltados para parâmetros que procuram enquadrar a experiência humana em uma dada racionalidade específica. Cabe, portanto, à Fenomenologia contribuir com uma ótica que amplia e compreende as experiências humanas a partir das afetações experimentadas no encontro com a alteridade

Na fenomenologia heideggeriana, o *Dasein* é visto como o “Ser lançado num mundo, cuja mera presença implica na possibilidade completa e total da existência” (FEIJOO, 2004, p. 91). Logo, o vocábulo “*Dasein*” equivale ao estar-sendo, ao ainda-não, ao devir. Assim, “o significado não estaria nas coisas, mas no sentido que emerge na coexistência; ou seja, o sentido está vinculado à compreensão que cada um tem de si mesmo, do outro e do mundo” (MORAIS, 2013, p. 99). Com base nessa perspectiva, o adoecimento psíquico não pode ser visto como uma mera classificação diagnóstica, mas como um fenômeno complexo e multifacetado, que desvela diversas possibilidades de se projetar no mundo.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uso do estudo de caso e de inspiração fenomenológica ancorada em Martin Heidegger. Parte-se da possibilidade de se compreender a experiência humana e seus desdobramentos no mundo, ou seja, enfatiza o Ser em sua dimensão existencial, a fim de compreender sentidos e significados atribuídos ao vivido (KLUTH; FROTA, 2010). O método fenomenológico é descritivo e compreensivo, contrariando a tendência dominante de privilegiar a explicação e a análise dos fatos.

A abordagem qualitativa visa conhecer, esclarecer e interpretar como os fenômenos são constituídos, permitindo que esses sejam compreendidos em sua singularidade e de

maneira mais abrangente, considerando a forma como as pessoas se colocam no mundo. (KLUTH; FROTA, 2010).

A técnica utilizada na pesquisa foi a narrativa inspirada em Walter Benjamin. Parte-se da noção de que é uma forma artesanal de comunicação, que permite o acesso à memória involuntária do narrador, conduzindo-a à elaboração de experiências, que são transmitidas aos ouvintes. (DUTRA, 2002).

A colaboradora da pesquisa é docente dos níveis fundamental e médio, licenciada na área de Ciências Humanas, 52 anos, residente em Juazeiro-BA. Atribuiu-se o nome fictício de Mandala, no intuito de resguardar sua identidade e assegurar o sigilo.

O contato com a colaboradora ocorreu por meio de um convite para narrar sua experiência, a partir das seguintes perguntas: *Como você compreende a sua experiência de adoecimento psíquico? Como se sente diante do afastamento de suas funções? Como tem lidado com a vivência do adoecimento psíquico?* Utilizou-se gravador de áudio mp3, uma caneta esferográfica de cor azul e um computador para transcrição integral do áudio. A pedido da colaboradora, a narrativa foi colhida em sua residência. Vale ressaltar que, no momento de seu depoimento, só se encontravam no local as pesquisadoras e a colaboradora, o que permitiu o sigilo das informações.

A presente pesquisa ocorreu em consonância com a Resolução 466/2012 – 510/2016, sendo submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisa (CEDEP) da Universidade Federal do Vale do São Francisco, sob o número de registro 0018/240914.

Embora em pesquisas utilizando estudos de caso dispensem o levantamento de dados quantitativos, optou-se por mantê-los aqui, devido à sua prévia realização para fins de um estudo que se pretendia inicialmente colher a narrativa de, pelo menos, metade de educadores afastados, no ano de 2014, em Juazeiro-BA. A colheita das narrativas seria segundo os critérios de inclusão: docentes de ensino fundamental e médio lotados nas escolas públicas da cidade de Juazeiro-BA, vinculadas à DIREC-15, afastados por motivo de sofrimento, que aceitassem participar voluntariamente da pesquisa e que não estivessem em processo de readaptação de função no ano de 2014; de exclusão: docentes que não aceitassem participar da pesquisa; docentes de ensino fundamental e médio que exerçam suas atividades laborais ou que estejam em processo de readaptação de função; docentes em exercício após afastamento; professores com causas de afastamentos que não por sofrimento psíquico fora do ano de 2014.

Para tanto, foi realizado contato pessoal com a direção regional de educação (DIREC-15) e solicitação formal, via ofício, de uma lista contendo o nome e o contato telefônico de todos os professores afastados, de janeiro a novembro de 2014 (que estivessem dentro dos critérios de inclusão da pesquisa), em Juazeiro-BA. Desse modo, encontrou-se um total de 37 afastamentos nesse período supracitado, sendo 22 por adoecimento psíquico e 15 por outros problemas decorrentes do trabalho. Dentre os 22 docentes afastados por adoecimento psíquico, 14 estavam conforme critério de inclusão, entretanto, foi possível contatar apenas 11 sujeitos. Por razões diversas, 10 deles não aceitaram participar da pesquisa. Considera-se que esse levantamento já se constitui como um resultado, pois explicita a dificuldade dos educadores expressarem a sua experiência de sofrimento psíquico, mesmo em condições de não julgamento.

A colheita de dados aconteceu em um único encontro mediante esclarecimento da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e gravação da narrativa em formato de áudio mp3. Em momento posterior, essa gravação foi transcrita, integralmente, para fins de análise. Faz-se conveniente destacar o porquê do emprego do termo colheita, uma vez que, na metodologia fenomenológica não se acredita que os dados estão prontos. Ao contrário, são desvelados processualmente a partir de uma relação de coconstrução entre pesquisandos e pesquisadores. (MORAIS, 2013; MORAIS; ANDRADE, 2013).

Os dados colhidos foram analisados com base na Analítica do Sentido, de Critelli (2007). Seu processo de investigação e de análise do real se apoia em pôr uma reflexão em andamento, ou seja, o fenômeno que se deseja conhecer é que vai “dizer” como devo interrogá-lo, visto que a interrogação é a base da investigação. Ao interrogar o fenômeno, busca-se compreender o que ele é em seus modos de ser. Esse processo ocorre em cinco etapas: 1) desvelamento: é a saída do fenômeno do reino do nada para o desocultamento (vir à Luz); 2) revelação: ocorre quando o desvelamento é confirmado por meio da fala, tornando-se algo perceptível, real; 3) testemunho: é considerar a fala do outro e preservá-la por meio do ver e ouvir em nossa coexistência; 4) veracização: é referendar, por meio de uma referência externa, o desvelamento do outro; ou seja, é autorizar os fenômenos a serem o que são e como são de forma pública; 5) autenticação: é uma convicção sentida na solidão da alma. Sem essa autenticação final, o que foi desvelado, revelado, testemunhado e veracizado não chega à sua plena realização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa de Mandala denunciou o elevado percentual de educadores em situação de sofrimento psíquico (trinta e sete pessoas), no município de Juazeiro-BA, no período de janeiro a novembro de 2014, bem como a existência de um ‘certo medo de se expor’ diante do fenômeno investigado, tal como ilustra sua narrativa: *“E o nível de professores que estão em depressão é altíssimo; lá na escola tem um bocado deles, tem um bocado de depressivos; cria-se um estigma.”*

Mandala trouxe aspectos de sua história laboral acompanhada de um longo percurso de afastamentos por conta de adoecimento psíquico. Suas licenças médicas tiveram duração média de dois a três meses, sendo renovadas constantemente, de modo que já esteve afastada por dois anos consecutivos de suas atividades laborais e cinco anos alternadamente. Segundo Mandala, há aproximadamente dezessete anos, surgiram seus primeiros sintomas depressivos, desencadeados por duas perdas de familiares e pelos acontecimentos do seu ambiente laboral. Vale lembrar que, há onze anos ela recebeu o diagnóstico psiquiátrico de bipolaridade, ocorrendo um ano após sua posse como professora da rede estadual, dando início aos constantes períodos de afastamentos. Após narrativa, Mandala se disponibilizou para novos encontros, se assim fosse necessário. Aqui, é possível remeter-se à importância da fala-escuta enquanto convite à elaboração de sentidos por meio da narrativa, apontando assim para a dimensão clínico-interventiva desta pesquisa que, segundo Szymanski e Szymanski (2013), pode acontecer em um único encontro, pois o que importa não é o número de encontros, mas as condições de abertura e acolhimento ofertados, bem como a postura não moralizante e o cuidado do pesquisador em direção à ressignificação da fala, que produz criação e transformação.

Organizou-se os resultados mediante cinco temáticas orientadoras de sentido: 1) trabalho em educação como propulsor de adoecimento psíquico; 2) afetações experienciadas no decorrer do adoecimento psíquico; 3) conflitos institucionais afetam o modo de ser e de estar no mundo; 4) pré-conceitos sobre o adoecimento psíquico; 5) arteterapia, espiritualidade e literatura como modos de enfrentamento do adoecimento psíquico. A seguir, trataremos de cada temática.

1) Trabalho em educação como propulsor de adoecimento psíquico

Mandala faz uma denúncia sobre o sistema educacional vigente e suas condições de trabalho insalubres ao se referir ao ensino público como “apodrecido, sendo esses fatores que favorecem o adoecimento psíquico.” Tal denúncia se aproxima dos achados de Borsoi e Pereira (2013), ao apontarem que o adoecimento docente acontece devido aos modos de trabalho que se desenvolvem de forma a cumprir exigências impostas pelas instituições de ensino, ou seja, é possível perceber que a forma como o trabalho é realizado influencia no processo de saúde-doença, pois as condições são, muitas vezes, danosas à saúde dos trabalhadores. Esta fala ilustra bem tal temática: “(...) *porque a educação ela é um desencadeador de, do processo depressivo, sabe.*”

Araújo, Sena, Viana e Araújo (2005) comentam que é exigido aos professores maior responsabilidade sem a oferta dos devidos meios para a realização satisfatória do trabalho. Assim, gera-se como resultado um desgaste generalizado nos docentes. Em momentos da narrativa, a participante fez pontuações que se afinam com a fala dos autores supracitados: “(...) *Porque vem as condições de trabalho desfavoráveis, você trabalha num, num, 40 graus numa escola que não é climatizada, uma superlotação, com 50 a 56 alunos, quando a lei diz que é 45. (...) Daí você trabalha com material muito ruim de livro didático, escolhido por eles e mandado (...)*”. Vale lembrar que essa dimensão adoecedora do trabalho não é algo a ser generalizado ou apenas restrito à classe docente, uma vez que, em outros contextos, que não o da educação, há a possibilidade de um ambiente hostil.

Mandala indaga a respeito de sua experiência de adoecimento psíquico: “*Eu sempre me pergunto ‘para que eu estou passando por essa fase?’*” Destacando a dimensão ôntica do adoecimento: “(...) *já tem um fator genético, hereditário. (...) Mas desde pré-adolescente que eu sentia. Fui ao psiquiatra e ele falou que eu era normal (...)*”. Contudo, não destaca a dimensão ontológica, ou seja, a dimensão do sentido do vivido que emerge a partir da apropriação da condição de Ser-para-a-morte.

Para compreender o adoecimento psíquico é importante considerar a dimensão complexa do tema, a história de cada ser que adocece, bem como as relações de tudo isso com a angústia que emerge, diante de uma profissão vulnerável, de um trabalho imaterial e eminentemente relacional em que não se vê resultados instantâneos. Além disso, o adoecimento se caracteriza pela perda do movimento fluido da existência, ou seja, quando o outro não se vê como ser do possível. Soma-se ainda as condições adversas e insalubres, que fazem surgir uma maré de incertezas. Frente a isso emerge o sentimento de estranheza e o

Dasein. Sente-se, portanto, desabrigado, sem habitação no mundo (SZYMANSKI; SZYMANSKI; 2013).

Ao que parece, o ambiente laboral tem favorecido o processo de adoecimento de Mandala e com isso rupturas em seu movimento existencial, uma vez que a educação tem lhe despertado para a condição de abertura ontológica essencial - a angústia. Contudo, esse chamamento para a abertura pode se estreitar quando o *Dasein* o experimenta e o restringe à conotação de sofrimento (MORAIS, 2011; MORAIS; ANDRADE, 2013).

2) Afetações experienciadas no decorrer do adoecimento

Quando questionada sobre as afetações experienciadas após o afastamento de suas funções, Mandala mencionou: inutilidade, indignação, impotência, raiva e desvalia/desvalorização social da categoria docente. Suas falas representam bem: “*É uma sensação de **inutilidade**. É. De inutilidade, eu, eu gosto do que faço, sabe. Eu quero voltar e quando eu tento, eu não tô conseguindo. Você se sente inútil*”; “*Ah, é você, eu me senti **impotente, indignada, desde o início***”; “*Então eu era movida muito pela **raiva**, a raiva me dava força, a raiva me dava coragem, ânimo de eu chegar lá dizer, e enfrentar*”; “*Por que você vê, o **professor, ele não tem mais, é, um papel, ele não é mais importante, ele não é mais visto como um (2x) elemento importante na estrutura social***”.

Com base nessa narrativa, compreende-se que a vivência de adoecimento psíquico suscita sentimentos que têm relação também com a forma como o professor é visto pela sociedade e com o valor que é atribuído à sua profissão, não somente com o ambiente escolar em si e as relações existentes nesse. Trata-se de algo do âmbito social como um todo. Araújo, Sena, Viana e Araújo (2005) apontam que as mudanças ocorridas nas formas de trabalho, nas últimas décadas, trouxeram consequências às condições de trabalho docente e à imagem social do professor, o que pode repercutir de forma direta no que diz respeito à saúde física e mental desse.

Ao revelar forte sentimento de inutilidade, Mandala desvela (ao mesmo tempo) o desejo de exercer suas funções laborais. Contudo, não tem se apropriado desse projeto, vivendo-o com impropriedade. Permanece, portanto, espontaneamente, absorvida pelo falatório, curiosidade e ambiguidade, deixando a tarefa de cuidar de Ser para segundo plano ou atribuindo-a aos outros.

Percebeu-se que Mandala culpabiliza o gestor pelo seu adoecimento: “*(...) esse diretor, ele criou uma situação muito complicada pra mim (...)*”; “*O fator que detonou (...) a*

depressão (...) falar que eu sou bipolar, foi um diretor. ”. Isso desvela a dificuldade de se assumir como ser-aí em sua própria existência se responsabilizando e se posicionando diante das próprias escolhas. Além disso, percebe-se o despreparo e a falta de qualificação dos gestores para lidar com problemas no campo da saúde mental.

Vale destacar que assim como delega a responsabilidade aos antigos gestores pelo processo de adoecimento e seu agravamento, afirma que a atual gestora desperta nela e nos demais docentes o compromisso com a educação. Demonstra ainda a vontade de voltar a lecionar nessa unidade escolar: *“É isso que a gente faz. Dando nó em pingo d’água. (...) Por conta de quê? Do compromisso deles com a direção (...) Então, é, eu posso, podemos entender que é, o gestor que faz diferença também nesse ambiente, muito grande. Poxa, só faz! ”.*

3) Conflitos institucionais afetam o modo de ser e de estar no mundo

Os conflitos institucionais narrados (que perfazem a experiência de Mandala) foram: assédio moral, despreparo dos gestores para lidar com o adoecimento psíquico e dificuldades nos relacionamentos interpessoais com a categoria docente.

No que diz respeito às relações interpessoais, Mandala traz que o ambiente é de disputa, fofoca, tramas, tortura, opressão e hostilidade. Sua narrativa a esse respeito é significativa: *“Eu percebo que é o inter-relacionamento, relacionamento humano, é com os professores, é a categoria, sabe, ela é desrespeitosa, ela não respeita o colega. É um ambiente de fofoca, é um ambiente de tramas, sabe. ”.*

Ressalta-se aqui a importância do trabalho na existência dos indivíduos, que influencia nos modos de inserção social desses. Pode ser percebido como fundamental na construção de relações sociais, afetivas e econômicas, que são base do dia-a-dia das pessoas. Esse mesmo trabalho, que confere sentidos à existência, gera conflitos entre as dimensões dos entes (com suas regras, valores, desafios e interpretações), podendo causar adoecimento psíquico (HELOANI; LANCMAN, 2004). Assim, o trabalho não somente permite que vínculos sociais sejam construídos e fortalecidos, mas também que esses vínculos não se formem havendo disputas, hostilidade e tortura nas relações interpessoais, tal como coloca Mandala acerca da sua vivência: *“(…) Daí começou a minha tortura(…). Eu sei que o fisicamente você fica com a marca no corpo e na alma, mas você ter um massacre de três anos, todos os dias, você acorda e você sabe que você vai se deparar com o local que era pra se produzir conhecimento, com o ambiente que era pra ser de paz, com o ambiente que era*

pra ser de alegria, ao contrário, é o ambiente completamente hostil, é um ambiente de fofoca, de tramas (...)”.

Mandala narra uma vivência marcada pelo assédio moral, representada pela perseguição por parte da diretora de uma das escolas onde trabalhou, trazendo-lhe uma vivência paradoxal diante do ambiente escolar: *“Eu tava sofrendo um assédio moral. Isso é assédio moral, que as pessoas não falam. É um assédio moral que os psiquiatras chamam de assassinato psicológico onde a pessoa nunca mais é a mesma.”*

O assédio moral pode ser considerado como uma situação onde a violência está presente. Pamplona Filho, Lago Júnior e Braga (2016, p. 07), o define como “conduta abusiva, de natureza psicológica, que atenta contra a dignidade psíquica do indivíduo, de forma reiterada, tendo por efeito a sensação de exclusão do ambiente e do convívio social”.

Do ponto de vista existencial o assédio moral pode levar a intensas vivências de sofrimento. Portanto, diante de um ‘mundo laboral’ repleto de perseguições, hostilidade, disputas e assédio moral, Mandala é afetada como também afeta, gerando um estado de humor correspondente às relações de coexistência vivenciadas pela mesma.

Assim, na perspectiva heideggeriana, o humor propicia um “direcionar-se para, ou seja, a raiva, a alegria, o medo, a ternura descortinam o mundo de diferentes maneiras” (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2013, p.87) de tal modo que, na constituição do Ser-aí, o mundo fere – isto é: “leva, carrega, suporta – o eu que, por conseguinte, a ele se refere, respondendo na medida em que é ferido.” (MORATO, 2013, p.54). Esses princípios estão presentes no discurso de Mandala: *“Ela era tão arrogante, (...) desrespeitosa (...); (...) eu queria justiça”; “E aí eu entrei na justiça comum e (...) agora eu vou, eu vou pegar ela aqui, eu queria porque desenvolve um sentimento de vingança, você quer se vingar ou você quer justiça ou você quer se vingar, sabe. E aí a raiva, então(...). Eu vou mexer no bolso dela, sabe”*.

4) Pré-conceitos sobre o adoecimento psíquico

A temática presente se desvela quando Mandala é convidada a narrar acerca dos seus sentimentos diante do silêncio dos educadores em torno do adoecimento psíquico. Existe um sofrimento que é ocultado por conta de estigmas impostos por uma sociedade preconceituosa: *“Olha, porque... atrai um estigma. Cria-se um estigma”; “Olha, ela é a louca, sabe, ela é a louca (...); “Eles têm medo. Eles têm medo do estigma. Eles têm medo de... não serem aceitos, eles têm medo de... uma série de coisas.”* Possivelmente, o modo como Mandala

olhou para o seu adoecimento, a princípio, foi influenciado por esses estigmas, uma vez que é possível inferir em sua fala a presença do pré-conceito: *“Por acaso o clínico foi quem descobriu, e disse que eu tava com depressão (...) ele passou um ano me tratando, o clínico, ele disse 'eu vou até aqui com você', aí me passou pra o psiquiatra. Aí vem o preconceito. É, poxa, psiquiatra! Eu tô louca! E fiquei maluca(...)”*.

Diante disso, vale retomar a discussão de Canguilhem sobre saúde-doença, onde ele coloca que “a doença não é uma variação da dimensão da saúde; ela é uma nova dimensão da vida” (CANGUILHEM, 2000, P. 149 APUD BONETTI, 2004), que permite ao indivíduo, em sua relação com o ambiente, produzir novas normas de ajustamento. Sob esse olhar, adoecer é estar e se relacionar com o mundo, de forma singular (SAFATLE, 2011). Inicialmente, Mandala não se reconheceu nessa condição singular de estar e de se relacionar com o mundo, ao contrário, prevaleceu o preconceito, que permeou a sua vivência de adoecimento. Sua narrativa traz momentos em que foi chamada de louca pelos corredores da escola onde lecionou, como também a exposição frente aos demais colegas de trabalho e pais de alunos pela gestora, que relatou para esses o fato de Mandala fazer uso de medicamentos psiquiátricos: *“E aí ela fez a reunião do colegiado onde estava esse amigo meu e ela falou assim, bom, (...) pais de aluno e tudo: a professora Mandala, ela usa remédio de tarja preta, tá aqui o laudo do psiquiatra, parecer psiquiátrico, ela se consulta com o médico psiquiatra.”*

Existencialmente falando, uma vez que o homem é percebido como um Ser que se produz na presença ou relação com os outros, em que existir é coexistir – ser-no-mundo e ser-com – é possível compreender o motivo de Mandala ter sentido o ‘peso’ do preconceito ao ser diagnosticada como bipolar e depressiva. Ao ocultar de si mesmo, o sujeito se preserva de um determinado modo, porque vive na impessoalidade, lidando com o fenômeno superficialmente e agindo como ‘a massa’. Viver na impessoalidade/inautenticidade desobriga o homem a cuidar de Ser, a assumir o peso de suas escolhas, assim fazendo o exercício de ora se ocultar, ora se revelar. Esse movimento circular de encontrar-se e perder-se são constitutivos do existir humano, já que o homem é um ser de inúmeras possibilidades perante as quais os sujeitos são chamados a criar sentidos para o seu existir (SZYMANSKI & SZYMANSKI, 2013): *“Então, quando você se esconde, você se omite. Você tá sendo permissivo, sem saber que você tá sendo permissivo. E a dor é maior. E a dor é maior. (...parecendo que você tem um crime, você praticou um crime (...))você é anormal, você não faz parte do mundo dos normais, sabe. “* Assim, diante de tal narrativa é possível perceber

esse movimento de aparecimento e ocultação em que ora está na impropriedade, ora reconhece caminhos para a propriedade de si (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2013, p.87).

De acordo com Morais (2011), vive-se a maior parte do tempo na impropriedade, imerso no impessoal, porém na análise da narrativa de Mandala é possível verificar que o sistema educacional, a instituição favorece o sujeito a viver assim: inautêntico/impróprio, portanto, a não se apropriar - ser-si-mesmo-próprio, porque traz ônus financeiros o servidor se afastar de suas funções laborais. Além disso, contribui com a manutenção do preconceito, pois não disponibiliza meios para um tratamento de saúde adequado. A narrativa a seguir ilustra tal ideia: *“Então, você quando adoecer eles já cortam de você é, o auxílio alimentação e o auxílio transporte. Por que você não vai comer não, é? É quando você mais precisa! ”*; *“Porque você, no caso do depressivo, gasta muito, eu tô agora com psiquiatra particular, sempre foi. Sempre foi particular”*.

5) Arteterapia, espiritualidade e literatura como modos de enfrentamento do adoecimento psíquico

Chegou-se a essa temática a partir do questionamento sobre como Mandala tem lidado com a vivência de adoecimento psíquico. Ela traz a arte enquanto *divisora de águas*, juntamente com suas leituras e com a vivência religiosa ecumênica como sendo os recursos que lhe auxiliam no processo de enfrentamento do adoecimento psíquico.

Arteterapia é definida como modo de trabalhar a partir de uma linguagem artística que permite a comunicação entre cliente e profissional (Associação Brasileira de Arteterapia, 2009 apud COQUEIRO;VIEIRA; FREITAS, 2010). Configura-se, portanto, como dispositivo terapêutico que permite o resgate do homem em sua integralidade (PHILIPPINI, 2004 apud COQUEIRO;VIEIRA; FREITAS, 2010), acolhendo-o em sua complexidade e dinamicidade, uma vez que considera seus aspectos afetivos, culturais e cognitivos, que são relevantes à saúde mental.

Sugerida por sua Psicóloga, Mandala iniciou pintura de telas, que se caracteriza como uma das formas existentes de arteterapia. No relato abaixo, é nítido que a partir desse momento houve mudanças (movimento), pois foi um meio encontrado para elaboração de sentidos para a própria experiência vivida: *“A arte tem sido, foi o divisor de águas. (...) a arte foi um canal que me ajuda (...) a lidar. Eu escrevia... Eu fiz um monólogo. Fazia/escrevia poesias, que é também uma arte, mas ela é muito triste, porque você vai botando pra fora aquilo que você tá sentindo naquele momento. Então, eu tenho a arte, eu tenho os livros, eu*

tenho (...). ” Assim, por meio de suas pinturas, desenhos e escritos foi possível exteriorizar sentimentos vivenciados sob um outro olhar, que lhe permitiu atribuir sentidos à sua angústia.

Sob o prisma heideggeriano, há modos de estar no mundo que passam pela disposição, compreensão e discurso. Sendo a disposição um existencial, que como condição do ser-no-mundo, remete o *Dasein* - a abertura originária para ser afetado pelo mundo na forma de um estado humor: um tom. E segundo Heidegger (1989) toda ação do homem é partida por uma tonalidade que lhe atribui um sentido, já que existem várias tonalidades afetivas fundamentais. Assim, a arte com as suas diversas expressões representa variados significados, visto que cada escolha foi sendo uma fonte de sentido para Mandala, isto é, “um canal que a ajuda a lidar” melhor no enfrentamento do adoecimento psíquico. Cabe destacar que sua escolaridade tem influenciado nesse movimento, nessa abertura, pois o conhecimento do seu quadro clínico propiciou a busca de estratégias de enfrentamento que ora circula pela arte numa via poética, ora pela via do desenho ou pintura.

A via espiritual foi outro modo de enfrentamento, destacando um sincretismo religioso muito forte. Aqui, é interessante compreender que a espiritualidade não é contemplada como uma religião determinada ou dogma, todavia como a busca pela compreensão do sentido da vida, da transcendência e nesse caso como um meio de enfrentamento do adoecimento psíquico, de acordo o discurso de Mandala: *“Mas, é, meditação, eu faço muita meditação, oração e, é, eu, eu, eu por muito tempo eu frequentei o Centro Espírita, aqui menos, mas eu vou no Centro tomar passe, que é uma renovação energética. Ouvir a palavra, a palavra, eu gosto muito. (...) aqui em casa você sabe que eu sou ecumênica, né. Mas eu tenho uma história muito forte com o espiritismo, que não perpassa por aí, aí é o Candomblé, que minha Pósis foi na cultura afro-brasileira. Tenho o maior respeito por eles. Foi até pra quebrar o preconceito. Então eu te, eu, eu, eu faço uso desses recursos”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O adoecimento psíquico continua sendo um interdito e um estigma para a classe docente e para grande parte da sociedade. É notório o pacto velado de silêncio em torno do tema que causa sofrimento e angústia. O ‘pacto de silêncio’ foi mencionado pela colaboradora deste estudo como uma possível reação da sociedade às manifestações de preconceito, negligência e despreparo em relação aos crescentes problemas de saúde mental.

O número de educadores afastados do trabalho em decorrência de adoecimento psíquico, no município de Juazeiro-BA, pode ser considerado significativo. Segundo levantamento disponibilizado pela Diretoria Regional de Educação, no período de dez meses, do ano de 2014, esse número corresponde a 59,45% das causas de afastamentos laborais. Diante disso, faz-se necessário investigar o tema em outras regiões brasileiras, tecendo comparações e principalmente interferindo nesse processo, seja através de Políticas Públicas, seja por meio de intervenções clínicas *in loco*.

Não só no caso de Mandala, mas também, em diversos estudos realizados em países como Brasil e Austrália, os transtornos psíquicos correspondem às principais queixas de saúde dos educadores e de causas de absenteísmo nas instituições escolares, principalmente em épocas de acúmulo progressivo de tarefas. Na maioria das vezes, essas queixas equivalem a quadros depressivos, insônia, ansiedade, abuso de álcool, fadiga crônica, com sérios prejuízos para o desempenho profissional e impacto significativo na dinâmica familiar e social. (Gasparini, Barreto e Assunção, 2006).

Os conflitos institucionais presentes no trabalho de Mandala (assédio moral; despreparo dos gestores para lidar com o adoecimento psíquico e dificuldades nos relacionamentos interpessoais com a categoria docente) ilustram o que acabamos de descrever. Diante disso, percebe-se não só a dificuldade dela para gerir tais situações, mas também as repercussões que um ambiente laboral competitivo, de disputas e perseguições pode gerar.

As afetações relatadas por Mandala como sentimento de inutilidade, indignação, impotência, raiva e desvalia/desvalorização social da categoria docente somadas aos conflitos supracitados, possivelmente contribuíram para o esvaziamento de sentido das tarefas, despertando tonalidades afetivas, a exemplo do temor, da angústia e do tédio. Tais considerações coincidem com os achados de Gasparini, Barreto e Assunção (2006) ao indicar alta prevalência de educadores nordestinos em risco de apresentar transtornos mentais como sendo superior à parcela encontrada na população geral de outras regiões brasileiras. Atesta-se assim, que o adoecimento entre os educadores em idade produtiva é algo realmente preocupante, podendo apontar para um processo de desgaste acelerado que altera a saúde.

Os preconceitos vivenciados por Mandala, no contexto de seu trabalho, realçam a dificuldade da sociedade acolher e conviver com as diferenças. Exemplos disso podem ser vistos no momento em que Mandala narra ser taxada de louca, nos corredores da escola, a exposição de seu caso de adoecimento para os colegas de trabalho e ainda o assédio moral da

chefia a respeito de seu processo de afastamento. Todos esses eventos dificultaram o reconhecimento do seu sofrimento, adiando a sua busca por ajuda. No entanto, ao iniciar tratamento psiquiátrico e psicoterapêutico, Mandala começa a reconhecer novos modos de enfrentamento da doença, tais como: a arteterapia (pintura), a vivência ecumênica da espiritualidade (sincretismo religioso) e a leitura de livros.

Diante desse caso, é possível afirmar que o trabalho no ensino fundamental e médio de uma instituição pública pode potencializar sintomas preexistentes (depressão, estresse e fadiga, por exemplo), bem como propiciar novas condições favorecedoras do adoecimento psíquico. Isso pode ocorrer devido aos altos níveis de cobrança, às exigências de qualificação constante, ao tempo demandado para a preparação, exposição e correção das atividades, os vínculos fragilizados entre as equipes de trabalho, a violência, a falta de insumos, os salários baixos, o número de empregos de cada professor e os impactos desse contexto, na vida do educador como um todo. Tudo isso compromete a qualidade do sono e interfere na alimentação, no peso, nos problemas vocais e relacionais, bem como na manutenção da prática regular de hábitos saudáveis.

Vale ressaltar que tais elementos laborais não são exclusivos do universo dos educadores, mas traduz o espírito de uma época que supervaloriza a tecnologia, o capital e a cultura da *performance* instantânea, em detrimento das demais possibilidades de criação na vida. Isso não só fragiliza os vínculos, tornando-os superficiais, como também reduz significativamente as redes solidárias e a percepção de satisfação com a vida. Assim, cria-se um ciclo de mal-estar que, muitas vezes, só tem uma pausa com o afastamento (de fato) desse ambiente insalubre. Por fim, conclui-se que o afastamento não se constitui como solução para o adoecimento psíquico, mas costuma ter efeito mobilizador para todos os envolvidos, podendo despertar um cuidado longitudinal no campo do trabalho e para além dele.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. S.; CARDOSO, T. A. O. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de *Burnout*. *Saúde Soc. São Paulo*, v.21, 2012. p.129-140.

ARAÚJO, T. M.; SENA, I. P.; VIANA, M. A.; ARAÚJO, E. M. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v.29, 2005. p. 6-21. Disponível em <http://pesquisa.bvsalud.org/sms/resource/pt/lil-416272>

BAIÃO, L. P. M., CUNHA, R. G. Doenças e/ou disfunções ocupacionais no meio docente: uma revisão de literatura. *Revista Formação Docente*, v.5, 2013.p.6-21. Disponível em <http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/fdc/article/view/344>.

BONETTI, A.O. ser doente: uma reflexão à luz de Georges Canguilhem. *Revista Pensar a Prática*, v.7, 2004. p.45-58. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/issue/view/50/showToc>. Acesso em 20 Ago.2017.

FERREIRA BORSOI, Izabel Cristina; SILVA PEREIRA, Flavilio. Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. *Univ. Psychol.* [online]. 2013, vol.12, n.4, pp.1213-1235. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672013000400018.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CRITELLI, D. M. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. *Acta paul.enferm.*, v.23, 2010. p.859-862. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n6/22.pdf>. Acesso em 20 ago.2017

COUTINHO, Maria Chafin; MAGRO, Márcia Luiza Pit Dal; BUDDE, Cristiane. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo , v. 13, n. 2, p. 154-167, ago. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 ago. 2017.

CRUZ, R. M.; LEMOS, J. C.; WELTER, M. M.; GUISSO, L. Saúde docente, condições e carga de trabalho. *Revista Eletrónica de Investigación y Docencia*, v.4, 2010. p. 147-160. Disponível em <http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n4/REID4art8.pdf>. Acesso em 20 ago.2017

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estud. psicol.* (Natal), Natal , v. 7, n. 2, p. 371-378, July 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Ago.2017

FEIJOO, A. M. L. C. A psicologia clínica: técnica e técnica. *Psicol. Estud.*, v. 9, 2004. p. 87-93.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2006, vol.22, n.12, pp.2679-

2691. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001200017. Acesso em 20 ago.2017

HELOANI, Roberto; LANCMAN, Selma. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Prod. [online]*. 2004, vol.14, n.3, pp.77-86. ISSN 0103-6513. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132004000300009>. Acesso em 20 ago.2017

KLUTH, V. S.; FROTA, A. M. M. C. O rigor na Pesquisa fenomenológica de orientação heideggeriana. In: *IV Seminário de Pesquisa e Estudos Qualitativos*, Rio Claro, 2010.

MORAIS, Sílvia Raquel Santos de. *Sob a espada de Dâmocles: a prática de psicólogas em oncologia pediátrica no município de Recife-PE* (Tese de Doutorado). Programa de Pós graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

MORAIS, Sílvia Raquel Santos de; ANDRADE, Ângela Nobre de. Sob a espada de Dâmocles: a prática de Psicólogas em Oncologia Pediátrica em Recife-Pe. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 396-413, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Ago.2017

MORAIS, S. R. S. Concepções de cuidado em Oncologia Pediátrica: uma compreensão fenomenológica existencial. In: SOUSA, G. M. C.; ABREU, E. F (ORGS). *Olhares diversos...encontros possíveis*. Curitiba: CRV, 2013.

MORATO, H. T. P. Algumas Considerações da Fenomenologia Existencial para a Ação Psicológica na Prática e na Pesquisa em Instituições. In BARRETO, C. L. B. T; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Orgs). *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. Curitiba: Juruá, 2013.

PAMPLONA FILHO, Rodolfo; LAGO JUNIOR, Antônio; BRAGA, Paula Sarno. Noções conceituais sobre o assédio moral na relação de Emprego. *Revista de Direito UNIFACS*. n. 190, Salvador, 2016. Disponível em <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4229/2884>. Acesso em 20 Ago.2017.

POLÍTICA NACIONAL DE ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO TRABALHADOR. Ministério da Saúde. Brasília, 2012. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt1823_23_08_2012.html. Acesso em 20 ago.2016

SÁ, R. N. A Analítica do Dasein de Martin Heidegger In FEIJOO, A.M.L.C. (Org). *Tédio e finitude: da Filosofia à Psicologia*. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2010.

SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Sci. stud.*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 11-27, 2011. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 ago.2017

SZYMANSKI, H.; SZYMANSKI, L. Repercussões do Pensamento Fenomenológico nas práticas psicoeducativas. In. BARRETO, C. L. B. T; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Orgs.) *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. Curitiba: Juruá ,2013.